

RELAÇÃO ENTRE ESSÊNCIA E DEFINIÇÃO NAS SUBSTÂNCIAS COMPOSTAS EM TOMÁS DE AQUINO NO LIVRO ENTE E A ESSÊNCIA

Allan Wolney Mesquita Santos⁸

Resumo: O termo ‘definição’ no livro *O Ente e a Essência* de Tomás de Aquino está numa asserção de relevância para o livro: a essência é aquilo que é significado pela definição. E uma vez que o livro trata sobre essência, e essa, por sua vez, é relacionada com a definição, é por causa disso que os três primeiros capítulos da obra tratam exclusivamente dos elementos que a compõe – gênero e diferença, quando significa a espécie - e a qual ela se refere – matéria e forma, quando ela significa o composto –, dado isso é necessário para dissertar sobre a quiddidade, a essência, ente e o princípio de individualização. Baseado na leitura e fichamento da obra, procura-se entender como ocorre o movimento entre definição e essência, na medida em que a segunda é significada pela primeira, já que as substâncias compostas são percebidas como forma e matéria; e as coisas cognoscíveis são classificadas numa espécie que é definida em termos de gênero e diferença, sendo que cada uma delas tem uma essência, mas não parecem ter uma definição.

Palavras-chave: Definição, gênero, espécie, diferença, essência.

Abstract: In Thomas Aquinas' *The Entity and the Essence*, The word 'definition' appears in a important proposition essence is what is meant by the definition. And since the book deals with essence, and this, in turn, is related to the definition, on account of this the first three chapters of the book deal exclusively with the elements that compose it - gender and difference, when it means the species - and which it refers to - matter and form, when it means the compound - following this, it's necessary to investigate on the quidity, the essence, entity and the principle of individualization. Based on the reading and annotations of the work, it is sought to understand how the movement between definition and essence occurs, insofar as the second is signified by the first, since the compound substances are perceived as form and matter; and knowable things are classified into a specie that is defined in terms of gender and difference, each of which has an essence but does not seem to have a definition.

Keywords: Definição, gênero, espécie, diferença, essência.

8 Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

Introdução

O percurso discursivo de Tomás de Aquino é elucidado no prólogo: “[...] começando pelo mais fácil, o aprendizado se dê de maneira mais adequada, pois devemos receber o conhecimento do simples a partir do composto e chegar ao anterior a partir do posterior” (AQUINO, 2005, p. 12), em outras palavras, ele irá discursar sobre a essência a partir do composto. Entretanto, é necessário discutir brevemente sobre o ente, já que é preciso, para tratar de essência, entender em que ela está. Assim, a obra expõe no primeiro capítulo os dois modos de conceber o ser em si e as maneiras de dizer o ente.

Uma vez que se estabeleceu o sentido de ente mais apropriado para se discursar sobre a essência, o texto trata sobre as definições condicionais de dois termos que vão se repercutir durante todo o livro: ‘essência’ e ‘quididade’ e ainda informa aquilo que possui essência.

No segundo capítulo, o foco é a substância composta e o que pode ser dito dela e constituinte de sua natureza, tem-se a introdução de termos como ‘matéria’, ‘forma’, ‘composto’, ‘definição’, ‘espécie’, ‘gênero’ e ‘diferença’, sendo que os três últimos são mais detalhadamente tratados no terceiro capítulo que procura as suas noções e significados.

Entretanto, nesses capítulos acima mencionados, somente a definição das substâncias compostas é tratada. Para discursar sobre isto, deve-se recorrer a forma e a matéria, e, quando se pretende refletir sobre a definição de espécie, é adequado designar por gênero e diferença e, finalmente, quando se quer definir o indivíduo concreto, é preciso recorrer ao princípio de individualização. Portanto, os três primeiros capítulos dessa obra estão todos relacionados com o termo ‘definição’ e isso se deve aparentemente a seguinte afirmação: a essência é aquilo que é significado pela definição.

As maneiras de se conceber o ente

No Prólogo, Tomás começa a obra enfatizando, baseado em Aristóteles que um pequeno erro no princípio é grande no fim e, recorrendo a Avicena, que o ente e a essência são o que é concebido pelo intelecto, portanto, para não que aconteça erros por desconhecimentos deles, é importante dissertar sobre o significado de ambos e sobre suas “intenções lógicas”: gênero, espécie e a diferença. Logo, o princípio pedagógico de Tomás é começar pelo mais fácil, para isso deve-se começar do significado do ente e, então, passar para o significado da essência.

No Capítulo I, Tomás de Aquino começa a tratar sobre o ente por si, segundo o autor embasado notadamente nas categorias de Aristóteles. O ente em si pode ser dito de dois modos: através dos dez gêneros [categorias] e significando a verdade das proposições. Do segundo modo, permite que sejam considerados entes aquilo que não podem ser ditos entes da primeira forma; como as privações e negações, no sentido que são enunciados que descrevem a ausência de uma característica, como por exemplo, a ‘cegueira’ que enuncia falta de visão. Assim sendo, essência não pode ser derivada do ente dito como significando a verdade das proposições, pois, desse modo, o que não tem essência é dito ente. Aceitando-se que essência só pode ser dita através do ente dito do primeiro modo, é necessário que ela signifique algo em comum entre todas as naturezas.

Tomás introduz rapidamente sobre as maneiras que se diz o ente: de maneira absoluta, através primeiramente da substância e, depois, através de um determinado aspecto por meio dos acidentes. Por isso, possui essência as substâncias e os acidentes, tomados através um determinado aspecto e modo.

Essência e Quididade

O autor tenta delimitar o escopo do termo ‘essência’ através de definições condicionais, nas quais ele diz em que sentido elas podem ser tomadas como tal: pode ser dita como natureza, na medida em que está ordenada à operação da própria coisa; pode ser chamada de quididade, quando por ela e nela o ente tem o ser.

A quididade é a responsável pelas coisas serem estabelecidas no próprio gênero ou espécie por elas mesmas, ou seja, a quididade é algo no qual Sócrates está em homem por ser Sócrates. Ela é derivada de algo que é significado pela definição, a saber, a essência. O autor acrescenta que quididade pode ter alguns sinônimos respeitando algumas condições: ela pode ser dita forma, “na medida em que a certeza de cada coisa é significada pela forma” (AQUINO, 2005, pág. 16) e também pode ser chamada de natureza “na medida em que se diz natureza tudo aquilo que, seja como for, pode ser captado pelo intelecto” (AQUINO, 2005, pág. 16). O autor, aproveitando a relação que acabou de estabelecer entre natureza e inteligência, diz que algo é inteligido através de sua definição e essência.

Finalmente, a essência está em tais coisas: nas substâncias simples e nas compostas. As substâncias simples são causas das compostas. A essência das substâncias simples é de

modo mais verdadeiro e nobre do que nas compostas. Ademais, Deus é sinônimo de substância primeira e simples.

Forma, matéria e composto nas substâncias compostas

No capítulo II, a distinção entre quiddidade, essência e natureza nas substâncias compostas é exposta. Pois nelas percebem-se a forma e a matéria, e algo é cognoscível e classificado em espécie ou gênero através da essência, e essa, por sua vez, compreende matéria e forma, sendo aquilo que é significado pela definição. Em suas palavras: “a essência é de acordo com o que a coisa é dita ser” (AQUINO, 2005, pág. 18). Todavia, para Avicena, a quiddidade é dita como sendo a própria composição de forma e matéria e a natureza que as espécies do devir têm é algo composto de matéria e forma.

A exposição chega ao caso do individuo concreto, em que é necessário discutir sobre o que o fundamenta e o separa da espécie: o princípio de individualização. Esse é dito por Tomás como a matéria da maneira assinalada, ou seja, a matéria “que é considerada sob dimensões determinadas” (AQUINO, 2005, pág. 19), e essa é posta na definição de um indivíduo, enquanto a matéria não-assinalada é posta na definição de uma espécie, como por exemplo: a definição de Sócrates contém esta carne e este osso, enquanto a definição de homem contém carne e osso; outro exemplo seria através dos artigos definidos e indefinidos: Sócrates é um ser constituído de carne e de osso, enquanto o homem é o ser constituído de carne e de osso. Portanto, a distinção entre indivíduo e espécie é pela matéria assinalada e não-assinalada.

“Sócrates nada mais é que animalidade e racionalidade, que são sua quiddidade” (AQUINO, 2005, pág. 19), a diferença entre espécie e gênero é pela diferença constitutiva, que é tomada pela forma da coisa., ou seja, a distinção entre espécie e gênero se deve pela forma determinada e não-determinada.

Duas definições de corpo: um sendo gênero e o outro sendo espécie

Tomás de Aquino analisa duas definições de Corpo: uma na qual ele é espécie de animal, outra na qual ele é gênero de animal; a primeira como algo que tem uma tal forma designada por três dimensões e a segunda é a forma que as três dimensões é designada nela. Segundo o próprio:

[...] Este nome corpo pode significar uma certa coisa que tem tal forma, da qual decorre nela a desigualdade de três dimensões exclusivamente [...] Deste modo, corpo será parte integral e material do animal; pois, assim, a alma estará à parte daquilo que é significado pelo nome de corpo e será superveniente ao próprio corpo, de tal modo que o animal é constituído de ambos, isto é, do corpo e da alma, como de partes [...] Este nome corpo pode também ser tomado de tal modo que signifique uma certa coisa que tem tal forma a partir da qual três dimensões possam ser designadas nela [...] Deste modo, corpo será gênero de animal, pois em animal nada há a tomar que não esteja contido implicitamente em corpo. Pois a alma não é outra forma distinta daquela pela qual as três dimensões poderiam ser designadas naquela coisa [...]. Assim, a forma do animal está contida implicitamente na forma do corpo, na medida em que corpo é seu gênero (AQUINO, 2005, págs. 19 - 20).

O que significa gênero, diferença e espécie

Tomás expõe o que significa gênero, diferença e espécie: o primeiro significa indeterminadamente o todo que está na espécie, pois não significa apenas matéria, entretanto, designa a matéria determinada; o segundo significa o todo, que parece estar também na espécie, e não significa apenas a forma, entretanto, designa a forma determinada; e a espécie ou definição compreende gênero e diferença. Assim, existe um paralelo entre matéria, forma e composto; e gênero, diferença e espécie, entretanto os três últimos não podem ser predicados um dos outros.

Tomás de Aquino retoma o assunto sobre a quiddidade através de dois exemplos: “humanidade significa aquilo donde procede que o homem seja homem” (AQUINO, 2005, pág. 23) e “a humanidade é significada como uma certa forma, e diz-se que é a forma do todo” (AQUINO, 2005, pág. 24). A distinção fornecida posteriormente é feita entre os termos ‘homem’, que é uma espécie, e ‘humanidade’, que é a quiddidade. Ambos significam a essência do homem, mas de maneiras diferentes, pois o primeiro não prescinde da designação da matéria, enquanto o segundo sim. E além disso, ‘homem’ pode ser predicado, ‘humanidade’ não.

As noções de gênero, espécie ou diferença

A noção de gênero, espécie ou diferença é tratada no capítulo três. Primeiramente, ele elimina duas possibilidades de significação deles: a modo de parte e pela forma pura. Resta aceitar que o único modo a considerar destes é o ‘de todo’, que pode ser dito de duas maneiras: De acordo com sua noção própria ou de acordo com o ser que tem nas coisas individuais. O autor elucida que a quiddidade é o princípio do gênero, espécie e diferença e não

o próprio gênero, espécie e diferença, como por exemplo: humanidade não é espécie, mas princípio de espécie.

De acordo com sua noção própria, também dita como absoluta, tudo o que é verdadeiro é o que está contido nela, então, aquilo que lhe for atribuído e que não esteja nela será falso, ou seja, o sujeito possui todos os predicados. Portanto, atribuir branco ao homem é falso, pois na sua definição contém apenas racional e animal, enquanto atribuir racional é verdadeiro já que este está contido na definição.

Ao considerar espécie, gênero e diferença de acordo com o ser que tem nas coisas individuais, ele estabelece que essas recebam um predicado accidental porque o individuo o possui, e o predicado só caberá a esses enquanto esses forem o individuo, em outras palavras, o homem é branco, porque Sócrates é branco, e isto cabe a homem por ser Sócrates, mas não cabe ao homem por ser homem. Este modo possui um duplo ser: um nos singulares e outro na alma, pelo dois a natureza pode receber predicados accidentais. Nos singulares, tem um ser múltiplo de acordo com a diversidade dos singulares, mas nenhum desses seres é a natureza no modo da própria noção. A natureza do gênero, espécie ou diferença tomada de maneira absoluta, abstrai de qualquer ser de tal maneira que não exclui nenhum deles. Esta natureza é o predicado de todos os indivíduos. E isso é possível, pois a natureza não pode ser uma nem múltipla nem una, pois se o gênero, espécie ou diferença fosse múltiplo, nunca poderia ser una, mas de fato ocorre o uno quando está no individuo. Se o gênero, espécie ou diferença fosse uno, os distintos indivíduos seriam iguais e um só, sem possibilidade de torna-se plurais.

A espécie pode ser predicada ao indivíduo devido aos acidentes que estão em conformidade com o seu ser. A essência está para noção de espécie: essa noção não é daquilo que lhe cabe de modo absoluto, nem pelos acidentes que o acompanha conforme o ser que está fora da alma, mas sim é dos acidentes que a acompanham conforme o ser que está no intelecto; e também, da mesma maneira, cabe-lhe a noção de gênero ou diferença.

A noção de universal, comunidade e unidade

A noção de universal não pode ser essa acima, pois a unidade e a comunidade são da noção de universal. Não existe comunidade no individuo, pois tudo que há nele está individualizado. A noção de gênero ou de espécie não pode ser dito através do ser que tem nos indivíduos, pois esta natureza tem que ser algo que abriga muitos, e isto é exigido pela noção

de universal. A noção de espécie, gênero e diferença vem do ser que tem no intelecto. O intelecto humano possui um ser abstraído de tudo que é individual e tem uma noção uniforme para todos os indivíduos, na medida em que eles são semelhantes entre si. E essa tal relação que o intelecto estabelece entre os indivíduos, ele descobre o gênero, espécie ou diferença e lhe atribui, ou, também, pelas palavras de Avicena: “O intelecto é que produz a universalidade nas coisas” (apud AQUINO, 2005, pág. 27).

A natureza inteligida é a noção de universal: quando é comparada com as coisas fora da alma; e de particular: quando é levado em consideração o ser em um determinado intelecto. A diferença de noção entre comunidade e singular [próprio] é explicitada através do exemplo da estátua que representa o homem: é singular na medida em que está numa determinada matéria, mas comum, ou seja: relativo a comunidade, na medida em que é uma representação de vários.

Para Tomás:

A predicação é algo que se completa pela ação do intelecto que compõe e divide, tendo fundamento na própria coisa, a unidade daqueles dos quais um é dito do outro [...] A noção de predicabilidade pode estar encerrada na noção desta intenção que é o gênero [...] O que o intelecto atribui a intenção de predicabilidade, compondo-o com outro, não é a própria intenção de gênero (AQUINO, 2005, pág. 28).

Conclusão

Tomás de Aquino, ao tratar das substâncias compostas no capítulo II, cria uma relação entre essência e definição que é da seguinte maneira: a primeira é significada pela segunda. A quiddidade é dita derivada do significado da definição e o princípio de individuação estaria na definição do indivíduo, se existisse tal coisa, no mesmo capítulo. E da mesma forma, iguala-se espécie e definição no terceiro capítulo. Nota-se, nessas ocorrências, a necessidade de ligar a maioria dos termos em que são investigadas a essência ao ‘termo’ definição e isso se deve aos seguintes dados:

Primeiro: A coisa é cognoscível para alma através as classificações: gênero, diferença e espécie. Entretanto, a definição de espécie é estabelecida em termos de gênero e diferença.

Segundo: Uma vez que conhecemos a espécie, identificamos o indivíduo, que é a substância composta, através o princípio de individuação, que nada mais é do que a matéria assinalada, na qual estaria na definição do indivíduo.

Portanto, a necessidade de relacionar essência e definição é devida a uma intelecção que a alma faz do indivíduo que a enquadra em classes assim que a apreende. Sendo assim, o método de começar pelas substâncias compostas para tratar da essência, não é puramente pedagógico. Realmente a alma apreende a essência, e a traduz para intelecção através a definição, entretanto nem toda a essência possui uma definição que a significa, como é explicitado no capítulo III, no qual o termo ‘noção’ é utilizado para designar uma certa natureza para os termos ‘gênero’, ‘diferença’, ‘universal’, ‘particular’, ‘comunidade’, ‘singular’ e etc., na qual a definição não consegue delimitar. Desse modo, os três primeiros capítulos dessa obra – além de abordarem sobre o ente, a essência das substâncias compostas; e as noções de gênero, diferença e espécie – tratam daquilo que é passível de definição.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.